

A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E O SIMBÓLICO

The Catholic Charismatic Revival and the Symbolic

*Luís Henrique Marques**

RESUMO: O presente artigo avalia, dentro do rico universo do simbolismo religioso, a utilização de algumas representações simbólicas significativas por participantes do Movimento da Renovação Carismática Católica – ligado à Igreja Católica Apostólica Romana - e o possível significado ideológico atribuído às mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação religiosa, Igreja e símbolos, Renovação Carismática Católica.

Introdução

Atualmente, passou a ser desnecessário atestar a presença do simbólico no cotidiano do homem. Além da própria História da Humanidade já sacramentar essa verdade, é mais que notória a dependência do ser humano de todo o simbolismo que ele produz e vem produzindo a cada dia, a ponto de que aquilo que representa (o símbolo), por vezes, tomar o lugar daquilo mesmo que é representado. E isso em qualquer atividade humana, uma vez que, onde existe o ser humano e este desenvolve uma ação, produz algo, o faz por meio da linguagem. Ora, a linguagem é em si simbólica. Assim, desde as atividades mais elementares/concretas (como comer, beber, dormir, fazer necessidades fisiológicas), até outras, fruto da capacidade de abstração – própria da intelectualidade humana – o ser humano se vale de símbolos.

Aqui, é importante uma palavra sobre o significado do conceito de símbolo (ou de simbólico) que está sendo levado em conta. Esse conceito está relacionado às idéias de Charles S. Peirce, considerado o fundador do pragmatismo e da semiótica. Segundo Peirce (In Mattelart & Mattelart, 1999), “um *signo* ou *representamen* é algo que representa a alguém alguma coisa por qualquer relação de qualquer maneira”. O que significa que para Peirce, tudo é signo.

Além disso, de acordo com a teoria de Peirce (In Mattelart & Mattelart, *ibid*), existem três tipos de *signo*: o *ícone* (que se assemelha ao

* Jornalista (assessor de imprensa) e professor da Universidade do Sagrado Coração (USC), de Bauru (SP), nas áreas de Teologia e Jornalismo. É mestre em Comunicação e Cultura de Massa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru.

objeto representado; “signo que possuiria o caráter que o torna significante, mesmo que seu objeto não tivesse existência, assim como um risco de lápis representa uma linha geométrica”); o *índice* (ou *index*, “signo que perderia tudo o que faz dele um signo se seu objeto fosse retirado, porém não perderia tal caráter se não houvesse intérprete), e, finalmente, o *símbolo* (convencionalmente associado a seu objeto, assim como as palavras ou sinais de tráfego, o qual “perderia o caráter que faz dele um símbolo se não houvesse intérprete”).

Nesse contexto, é mais que evidente que entre tantas atividades humanas, a prática religiosa se apresenta com uma das mais ricas em simbolismo. Faz-se necessário, contudo, uma constante avaliação no sentido de desvendar o que o a quem determinada prática religiosa representa ou pretende representar. Em outras palavras, qual é o significado de cada nova expressão simbólica no campo religioso. Encontrado tal significado, ou pelo menos, algumas possibilidades de significado, é possível descobrir o(s) valor(es) ou contra-valor(es) do simbólico na Religião, seja ela qual for.

Com pouco mais de 30 anos, a Renovação Carismática Católica (RCC), movimento predominantemente leigo nascido no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana que tem “arrebanhado” de volta à própria Instituição milhares de fiéis no mundo todo (Juanes, 1994), é fortemente caracterizada pelo uso do simbólico. Seu desenvolvimento, por sua vez, já foi objeto de estudo e atenção da hierarquia católica face ao fervor das manifestações e expressões da prática religiosa de seus participantes, as quais, por sua vez, acabaram gerando controvérsias.

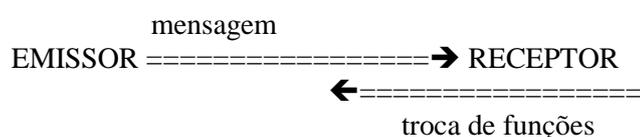
Embora reconhecida oficialmente pela Igreja, a RCC, através da atitude de seus membros, ainda permanece objeto de estudo de todos quanto querem distinguir na sua prática religiosa cristã e católica, mais que um valor espiritual, e sim um valor autenticamente humano. É com esse objetivo que o presente texto pretende, ainda que pretensiosamente, contribuir para a investigação e o debate acerca do fenômeno simbólico que permeia toda a prática da RCC, a qual, como já foi dito, tem influenciado milhares de pessoas. Muitas das quais, talvez incapazes de entendê-la com a devida criticidade.

O discurso religioso: algumas considerações preliminares

Valendo-se das idéias de Eni Pulcinelli Orlandi em *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* (1987), é possível afirmar que o simbólico leva o ser humano a uma busca transcendente, isto é, ultrapassa, está acima daquilo que ele mesmo representa (“a coisa”, ser o objeto em si). De fato, ao relacionar-se com o símbolo religioso, o homem busca não a relação com o símbolo em si, mas com o Ser divino (Deus) que aquele representa. Isso faz com que se chegue à constatação – já um tanto óbvia – de que o discurso (língua) religioso, devido a

todo aparato simbólico de que constitui, tanto em nível verbal quanto não verbal – é altamente simbólico.

E mais ainda: o simbolismo religioso está sujeito a cometer o “pecado” da ilusão. Isto é: o homem, no contato com aquilo que representa Deus, pode julgar estar experienciando a relação com Deus e sua graça. De fato, de acordo com a tradição cristã, na igreja, a “casa de Deus”, o fiel pode vivenciar a própria comunhão com Deus. Entretanto, esta comunhão não é sempre consciente. Trata-se de uma relação cuja forma é única, haja vista que comunicar-se com Deus, segundo essa mesma tradição, não significa obedecer o clássico conceito de comunicação, conforme representado no esquema abaixo:



De acordo com o Cristianismo, a relação com Deus não prevê, de certo modo, a troca de funções entre emissor e receptor da mensagem. Isso porque, não é possível ao homem colocar-se no lugar de Deus. Trata-se da irreversibilidade de que fala Orlandi (1987): “E entendo reversibilidade (seu inverso) como a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui”. Daí, para Orlandi, a possibilidade do homem iludir-se, pensando relacionar-se com Deus, enquanto, na realidade, está se relacionando com aquilo que representa Deus: o templo, as imagens e ainda o sacerdote, considerado como a “voz de Deus”. O símbolo, portanto.

Eni Orlandi reforça ainda que mais essa tese quando afirma sobre o autoritarismo do discurso religioso: “podemos dizer que o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus (no caso, o padre) não pode modificá-la de forma alguma” (ibid).

Ora, em um processo comunicacional por assim dizer autoritário e unilateral, o homem vive a ilusão de relacionar-se diretamente com Deus. Deus que, completa Orlandi, encontra-se no plano espiritual, enquanto o homem, sua criatura, limita-se ao temporal. Essa distância entre criador e criaturas foi – e quiçá ainda esteja sendo – mascarada há séculos de História pelo simbolismo religioso desmedido e equivocado.

Isso fez com que a tradicional visão do Deus distante, inacessível, permanecesse uma “verdade” incontestável. Verdade esta que a própria Igreja, a exemplo de empreendimentos como da Renovação Carismática, vem tentando superar desde o Concílio Vaticano II quando os leigos passaram, gradativamente, a ganhar espaço no interior da própria Instituição (Pinheiro, 1994).

A RCC e o simbólico

Ao examinar a ação dos grupos de oração – núcleos da RCC – é possível notar algumas das principais formas de expressão externa (sobretudo gestual) que tem caracterizado o comportamento dos participantes do Movimento Carismático, por vezes, distinguindo-os sobremaneira do restante da comunidade católica. De fato, sua maneira peculiar de rezar e cantar não só em público como no próprio grupo de oração, tem sido até confundida com manifestações de fiéis de igrejas protestantes, sobretudo pentecostais e neopentecostais (Oro, 1991).

Entre essas expressões, está momento da chamada “efusão do Espírito Santo”, quando, durante a missa, o fiel chega a deitar-se no chão ao, supostamente, receber a graça divina, invocada pelo sacerdote. Acredita-se que a queda do fiel se deve ao poder da graça espiritual. Todo esse ritual é fortemente marcado pela representação simbólica, a qual, em muitos casos, chega a tomar o lugar daquilo que se deseja representar: Deus. Ou melhor: não é a existência de Deus que condiciona a possibilidade de uma sua manifestação, representada na bênção sacerdotal. Para muitos fiéis – provavelmente de maneira inconsciente – é a imposição das mãos do padre que determina a presença divina.

Durante algumas celebrações litúrgico-eucarísticas, no momento em que ocorre a procissão do Santíssimo Sacramento (Eucaristia), fiéis desmaiam, muitos choram e se emocionam. Aqui, é preciso ressaltar, contudo, que para a fé católica, a Eucaristia não é uma parte de Jesus Cristo, muito menos uma sua representação. Trata-se do próprio Cristo, conforme o dogma da transubstanciação. Assim, nesse momento e mais precisamente durante a comunhão eucarística, o fiel experimenta o contato direto com Deus, sem intermediários. Nada o representa, mas é Deus mesmo quem se faz presente.

Os cânticos e orações, chamadas de “louvores a Deus”, estão, entre as manifestações tipicamente carismáticas, as mais conhecidas. Mãos levantadas, olhos cerrados, danças e até lágrimas são alguns dos gestos mais característicos dessas manifestações. A essas somam-se ainda momentos de louvor à Virgem Maria e aos santos que, representados em imagens de barro, parecem ser substituídos – como que se “materializassem” – no objeto que os representa. Nesse momento, muitos fiéis não dispensam a oportunidade de tocar a imagem e o fazem, possivelmente, na crença inconsciente de estarem tocando o próprio santo ou santa

Considerações finais

Diante dessa breve análise do uso do simbolismo religioso por muitos participantes da RCC, uma primeira pergunta vem à tona: em que vem a contribuir a Renovação Carismática em detrimento da ação e

discurso tradicionais do catolicismo? Não estaria esta reafirmando, ainda que sob outra “roupagem”, a ilusão de relacionar-se com Deus?

É fato que, para o próprio Magistério da Igreja, há de se considerar a existência de muitos e diferentes exemplos de comportamento dentro da RCC. Não se pode generalizar uma postura deste ou daquele grupo de oração para todo um Movimento que congrega milhares de pessoas no mundo inteiro. É possível, no entanto, atribuir tal comportamento a uma parcela expressiva da RCC.

Isso, com efeito, obrigou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a realizar um estudo e produzir um documento que, ao mesmo tempo, aprova a RCC, mas chama a atenção de seus participantes para evitar práticas cujo radicalismo fere a doutrina da Igreja. Os dons de falar em línguas, profetizar, curar e praticar o exorcismo são considerados possíveis pela hierarquia católica, mas estão na lista das práticas extraordinárias, reservadas para momentos e pessoas preparadas e que, por essa razão, não devem ser amplamente utilizadas, a fim de que não sejam vulgarizadas (CNBB in Boletim Diocesano, dez94-jan95).

Partindo da necessidade e exigência indiscutíveis do ser humano em acreditar em algo ou alguém que transcenda a sua própria natureza limitada, resta a esse mesmo ser humano relacionar-se consciente e equilibradamente com Deus. Para o Cristianismo, como para as outras religiões em geral, disso depende a conquista da dignidade humana. É uma questão de fé, é claro. Mas não só. Segundo o Evangelho, a fé sem obras é morta. Isso significa que toda expressão de fé em Deus só tem razão de ser à medida que ela seja manifestada por uma práxis cotidiana.

O problema é que: primeiro, manifestá-lo não significa reduzi-la ao nível do ritual, do simbólico. E segundo: ainda que o símbolo seja essencial, toda linguagem simbólica religiosa deve estar segura de um significado que assegure a Verdade sobre Deus e sobre o homem. Do contrário, o simbolismo religioso, que antes unia o homem a Deus, passará a unir o homem ao vazio.

A Renovação Carismática Católica pode ser um instrumento dessa ligação com Deus. Pode, porque já o é ao menos para a própria Igreja que lhe garantiu a aprovação. Contudo, enquanto uma grande parte de seus membros – pessoas simples e, talvez, por isso, não habituadas ao exercício da capacidade crítica – não transcender ao simbolismo gestual e permanecer na mera emotividade, a RCC não passará de uma “válvula de escape” para o vazio de significado do homem.

ABSTRACT: This paper evaluates, inside of the rich religious symbolism, the use of some symbolic and significant representations by participants of Catholic Charismatic Revival Movement – linked to the Roman Catholic Church – and the possible ideological meaning, credited for these symbolic representations.

KEY WORDS: Religious communication, Church and symbolic, Catholic Charismatic Revival Movement

Bibliografia

CNBB. Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, *Boletim Diocesano*, Bauru, ano XXIII, n. 359, dez.94-jan.95,.

JUANES, Benigno. *Que é a renovação carismática católica?* São Paulo: -----, 1994. (Série Fundamentos).

MATTELART, Armand & MATTELART, Michéle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso, Campinas: Pontes, 2^a ed., 1987.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1991

PINHEIRO, José Ernanne (coord.). *O protagonismo dos leigos na evangelização atual*. Paulinas: São Paulo, 1994. (Coleção Perspectivas Pastorais, n. 5)